

CARLA MARIA BRAZ MARTINS

**A BRACTEA DE SIRACUSA E AS
INFLUÊNCIAS MEDITERRÂNICAS NA
OURIVESARIA PROTO-HISTÓRICA EM
TERRITÓRIO PORTUGUÊS**

SEPARATA DAS ACTAS DO I COLÓQUIO PORTUGUÊS DE OURIVESARIA
CÍRCULO DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

1999

A BRACTEA DE SIRACUSA E AS INFLUÊNCIAS MEDITERRÂNICAS NA OURIVESARIA PROTO-HISTÓRICA EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS

CARLA MARIA BRAZ MARTINS

O Mediterrâneo Oriental desde o II^o milénio a.C. é percorrido por uma vasta rede de intercâmbios culturais servindo o corredor Sírio-Palestina- no de intermediário entre Chipre e o Mundo Micénico a Oeste, Mesopotâmia a Este, o império Hitita e posteriormente neo-Hitita a Norte e o Egip- to a Sul.

No entanto, esta rede de transacções relativamente estável, vai-se alte- rar cerca de 1200 a.C. altura em que ocorreram as chamadas invasões dos povos do mar que provocaram a instabilidade e destruição de muitas cida- des-estado fenícias. Estes novos povos vão-se estabelecer na costa Sul da Palestina, desde Gaza até Askalon, sendo conhecidos por filisteus, muito influenciados no entanto, pela cultura de canaã e egípcia.

As cidades-estado fenícias, que não foram muito afectadas por estas convulsões, continuaram a sua actividade mercantil, desenvolvendo uma arte Sírio-Fenícia, que comporta as influências dos principais povos que a rodeiam: arameus, assírios, hititas, egípcios. Sidón e Tiro serão dois exem- plos, percorrendo os seus habitantes o Mediterrâneo; Chipre, Grécia, Etrú- ria, Península Ibérica, fazem parte dos itinerários por eles percorridos. Até mesmo a costa Atlântica da Península Ibérica é percorrida na busca de es- tanho às ilhas Cassitérides.

O tipo de produtos que circulavam nesta vasta rede de transacções são os bens de luxo e as matérias-primas que entram na composição da sua pro-

dução, e em paralelo com as transacções que realizavam, os fenícios também assimilavam na sua cultura elementos das diversas e dispersas culturas com as quais estabeleciam contactos, tendo simultaneamente um papel de receptor e emissor.

Dá que por todo o Mediterrâneo se tenham difundido elementos iconográficos de origem oriental como sejam ¹: o leão, de origem Sírio-Hitita; a pantera, frisos de animais, cenas de banquetes, procissões de oferendas, entrançados; motivos vegetais como a flor de lótus e a palmeira egípcios; as sereias, grifos e centauros, Trítton, Pégaso e animais afrontados; o deus castigador, com provável origem no Egipto e na Mesopotâmia; o disco solar alado originário do Egipto.

Todos estes elementos decorativos aparecem na ourivesaria que circula pelo Mediterrâneo, ou sob a forma concreta de jóias, que são trocadas por outros bens, ou sob a forma de ideias a que localmente o ourives indígena dará forma concreta.

O mesmo acontece com a tecnologia: a solda, a filigrana e o granulado, patentes na ourivesaria grega, etrusca e ibérica, terão tido o seu berço respectivamente no Oriente, no Egipto e na Suméria, tendo sido difundidas pelos fenícios, que cerca do séc. IX a.C. se voltam de uma forma mais sistemática para o Ocidente.

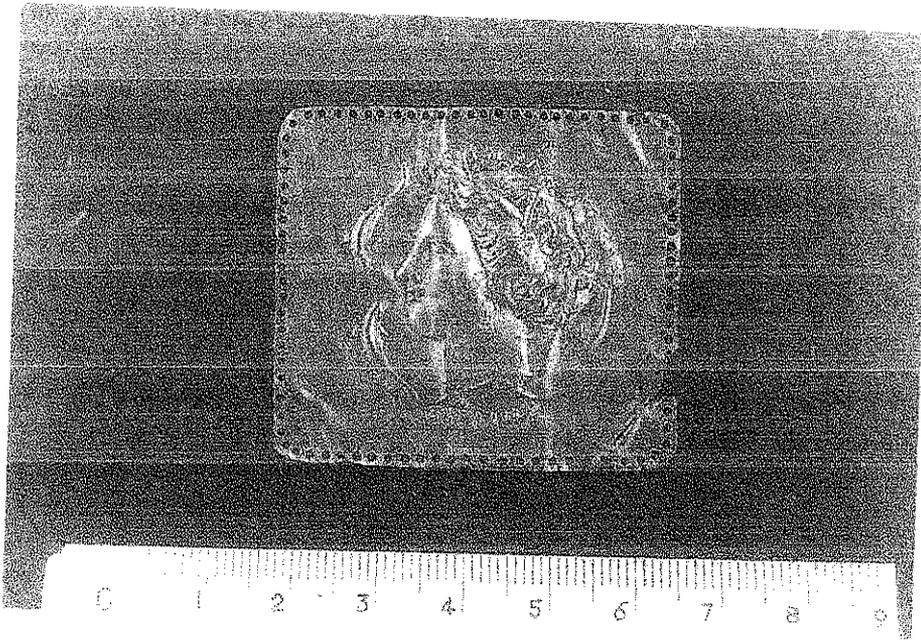
Mas não são só os fenícios que percorrem airosoamente as águas do Mediterrâneo. Também os gregos o faziam.

De facto, os gregos estabeleceram centros comerciais no Oriente. Al-Mina, criada cerca de 825 a.C. na desembocadura do rio Orontes, é um exemplo; é uma povoação mista de gregos eubeus, fenícios e cipriotas, e tem um papel importante nas rotas comerciais com a Cilícia, Eufrates e Urartu ². Tell Sukas, na costa da Sírio-Palestina, é um *emporium* grego assente numa povoação oriental e fundado no séc. VIII a. C.; e cerca de 570-526 a.C., no Egipto, é criado um centro comercial — Naucrátis (assente sobre a cidade indígena de Pamarat), resultante de uma concessão comercial do faraó Amásis.

A Grécia assimila, pois, progressivamente formas e ideias orientais, assumindo simultaneamente o papel de receptora e emissora dessas mesmas influências, que chegam à Cítia, Etrúria e até mesmo à Península Ibérica.

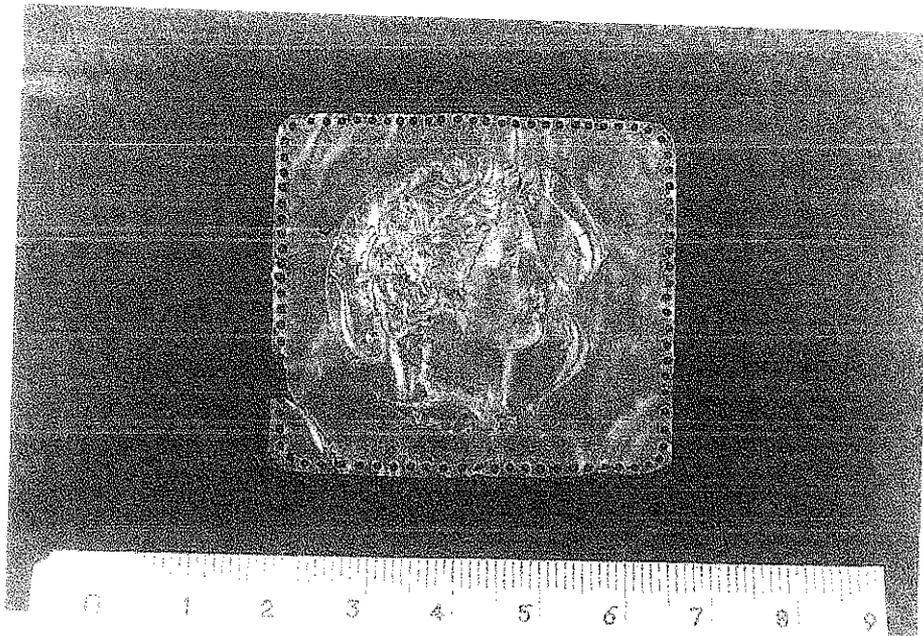
¹ ALMAGRO-GORBEA, 1986.

² ALMAGRO-GORBEA, 1986.



Est. I

1. *Bractea* de Siracusa (anverso)
2. *Bractea* de Siracusa (reverso)



Já no séc. VII a.C. (630 a.C.) os gregos comerciavam com o Sul da Península aí estabelecendo feitorias e colónias: no Castro de Romariz, em Vila da Feira e no Castro do Coto da Pena, em Caminha, apareceu um fragmento, em cada uma, de cerâmica ática, semelhantes a outros de Castelo de Faria (Barcelos) e Sto. Estêvão da Facha (Ponte de Lima) ³. Em Huelva a presença do comércio grego faz-se sentir muito intensamente em 580-550 a.C.. O tipo de comércio que predominava era o de luxo, destinado às elites sociais indígenas, sendo a associação estratigráfica a fornos de fundição de prata, um reflexo do objectivo das transacções comerciais ⁴.

Em meados do séc. VII a.C. o mercado tartesso-fenício entra em crise, acentuando-se posteriormente com a queda de Tiro (573 a.C.), dando então preferência ao comércio greco/focense, cuja política colonial entretanto havia mudado.

A assimilação das novas tecnologias e gostos mediterrânicos poderá ser maior ou menor, consoante a resistência a elementos estrangeiros; no entanto, aquando recebidos e acoplados ao substrato indígena, poderão perder na maior parte dos casos a sua simbologia original. Dever-se-á salientar neste processo, o papel de comerciantes e vendedores ambulantes, que por vezes eram acompanhados de artífices e ourives fenício-cartagineses ou tartéssicos ⁵, que circulavam por toda a Península transportando consigo ideias e formas bastante concretas, como é o caso da ourivesaria e de que é exemplo a *bractea* de Siracusa, uma bonita e frágil peça em ouro, de cariz mediterrânico, e que se insere num estudo mais alargado sobre ourivesaria «A Ourivesaria Proto-histórica de Portugal. Influências Mediterrânicas» ⁶.

Trata-se de uma jóia em ouro, simples, descoberta nos arredores de Bragança, em 1840, que actualmente se encontra depositada no Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto, com o número de inventário 82.B.193 (Est. I, 1).

A sua designação de *bractea* deve-se à constituição da sua estrutura; de facto, o *bractearius* ou *bracteor* é o homem que transforma o ouro em finas lâminas ou folhas (*bratteae* ou *bracteae*) ⁷. Após obter uma barra de ouro, o ourives martela-a, possivelmente numa bigorna ou cepo de madeira, envolvendo-a em peles para não a perfurar, até atingir a grossura

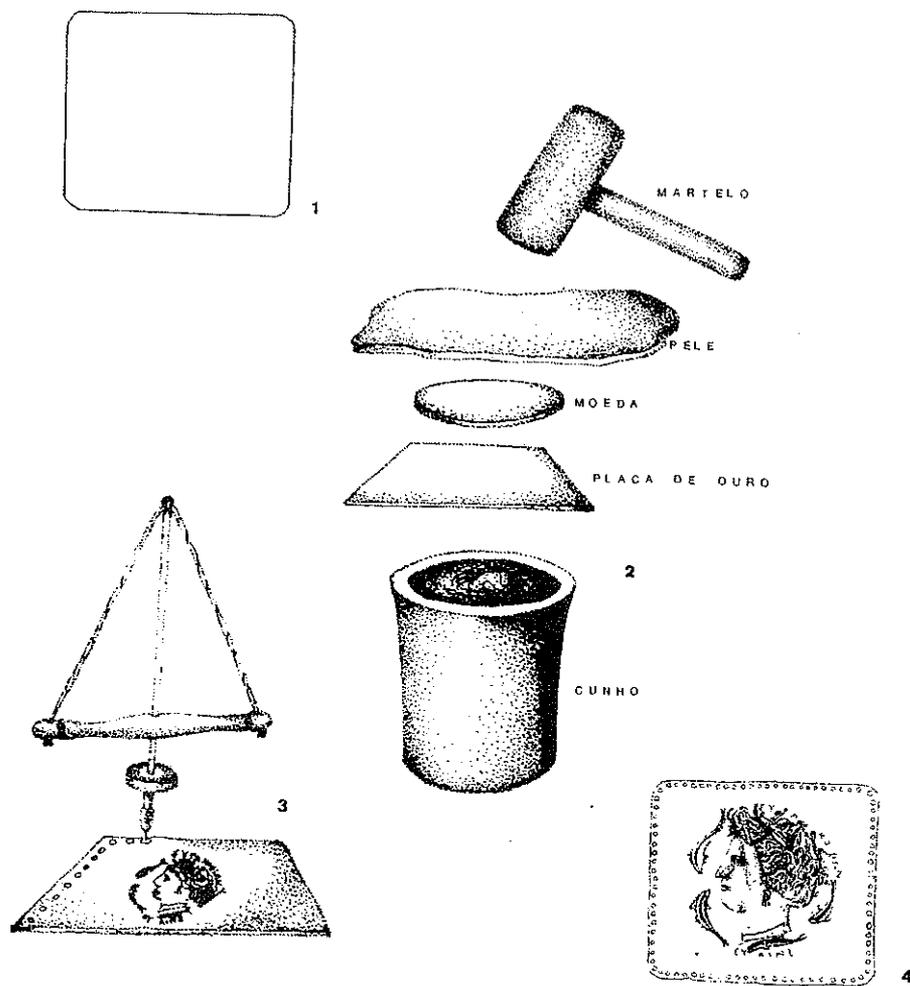
³ SILVA, 1986, p. 136.

⁴ AUBET SEMMLER, 1986.

⁵ CARDOZO, 1957, p. 18.

⁶ Dissertação por nós defendida em 1996 como tese de Mestrado em Arqueologia.

⁷ CARDOZO, 1957, p. 18.



Est. II

- Processo de execução da *bractea*:
1. Lâmina fina, polida e recortada
 2. Cunhagem de um decadracma
 3. Perfuração com um peão
 4. *Bractea* de Siracusa

e largura pretendidas; como é óbvio, a lâmina assim conseguida teria dimensões variáveis, que o ourives tinha o cuidado de regularizar.

A técnica da folha de ouro será o mais antigo trabalho de ourivesaria. Na Mesopotâmia, em Tepe Gawra, túmulo 109, aparece um diadema datado do IV milénio a.C.. No Egipto, o seu fabrico remonta à IIª dinastia (2890-2686 a.C.), como o sugere uma pepita com traços de martelagem, aparecida em Abydos; a partir da Vª dinastia (2494-2345 a.C.) as folhas têm 0.001 mm de espessura (1 μ)⁸. O mundo greco-micénico aprende com o oriente este trabalho (eventualmente Creta terá servido de intermediário)⁹; na Península Ibérica surge na primeira metade do III milénio a.C.¹⁰.

A lâmina terá sido então cortada em forma de placa, com um cinzel ou tesoura, sendo posteriormente brunida e polida com pequenos seixos ou arenitos. O resultado será uma placa com as seguintes dimensões: 47,71 mm de comprimento, por 43,10 mm de largura, com 0,50 mm de espessura; o seu peso é de 9,263 gr..

A *bractea* apresenta como decoração uma cabeça da ninfa Aretusa (ou Perséfone?)¹¹, coroada de folhas de trigo, com um brinco de três pendentes e um colar de contas no colo, sendo rodeada de quatro golfinhos (dois deles afrontados); em torno desta elegante composição, deparamo-nos com a seguinte legenda: ΣΥΡΑΚΟΣΙΩΝ - Siracusa (em cima da cabeça) e ΕΥΑΙΝΕ - Euaine(tos)¹², assinatura do artista (em baixo do colo). A espessura no baixo relevo é de 1,81 mm.

O processo utilizado na execução dos motivos decorativos põe-nos uma interessante problemática.

A peça foi observada à lupa binocular, o que nos permite afirmar que não existe qualquer vestígio de punção, buril ou cinzel. O deslocamento do ouro, por pressão, fez-se na vertical, e somente na decoração em relevo, inclusive provocando algumas perfurações na placa. Daí que se possa concluir que o processo usado fosse o da cunhagem do reverso de um decadracma de Siracusa, datável de 400-370 a.C.¹³.

Era frequente o uso de tipos monetários como decoração de peças de cerâmica e de ourivesaria. No entanto, a representação existente nesta

⁸ NICOLINI, 1990, p. 69-70.

⁹ NICOLINI, 1990, p. 71.

¹⁰ NICOLINI, 1990, p. 65-66.

¹¹ PINTO, 1930, p. 15.

¹² PINTO, 1930, p. 15; CENTENO, 1987, p. 192.

¹³ CENTENO, 1987, p. 192.



Est. III .

Vestes imbratatae

bractea difere das dos decadracmas existentes, ou melhor dizendo dos conhecidos e catalogados por Gallatin¹⁴; as moedas conhecidas apresentam um círculo de pérolas, inexistente na *bractea*, que tem os seus paralelos mais próximos na série C de Gallatin, sem que no entanto reproduza um cunho¹⁵. Acrescenta-se ainda o facto de que nas moedas o relevo é mais alto, rondando os 3mm; no entanto, a *bractea* poderá ter sido achatada¹⁶.

Entre a marca circular do cunho (Est. I, 2), observável no reverso da peça, e a assinatura do artista deveria existir pelo menos um espaço que eventualmente correspondesse ao círculo de pérolas. Como tal não acontece, poder-se-á deduzir que o cunho e moeda usadas fossem desconhecidas para Gallatin ou então tratar-se-á de uma moeda recortada pelo círculo interior das pérolas, pelo que o seu diâmetro é inferior ao das moedas catalogadas.

A marca do cunho poderia também ter existido no anverso da peça, que por uma questão estética deverá ter sido eliminada através da martelagem.

Nos bordos da *bractea*, poder-se-á observar pequenas perfurações com rebarbas, eventualmente elaboradas por grossas agulhas de metal ou pedra, ou por um peão¹⁷, com a finalidade de permitir prender a referida peça a um tecido — *vestes imbratteatae*¹⁸ (Est. III). Como adorno de vestuário que é, só a sua contextualização poderá ser indicador do sexo do seu portador.

Esta jóia tem paralelos na arte tumular do Próximo Oriente (sendo as peças mais frágeis e delicadas) e nas *bracteae* com cabeça de Demeter, Great Bliznitza, de 330-300 a.C., e com dançarinas, Kul Oba, 350 a.C.¹⁹. O seu uso não terá sido regular, pois caso contrário ter-se-ia feito sentir no seu desgaste²⁰.

Um factor que afecta esta e muitas outras peças é o seu achado ser ocasional e descontextualizado, dificultando a sua interpretação.

¹⁴ GALLATIN, 1930.

¹⁵ Informação amavelmente cedida pelo Dr. Christof Boehringer, Universidade de Göttingen.

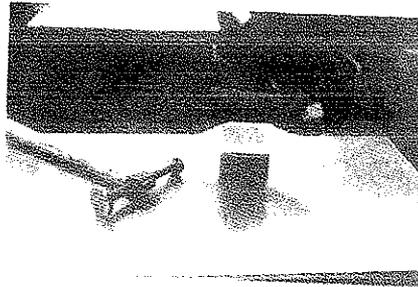
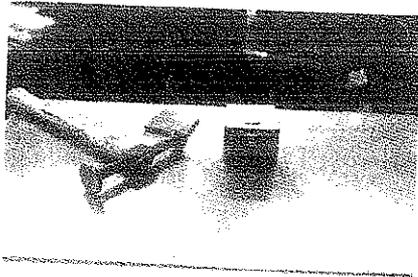
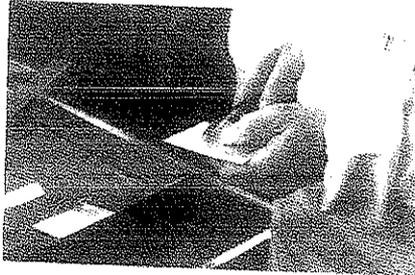
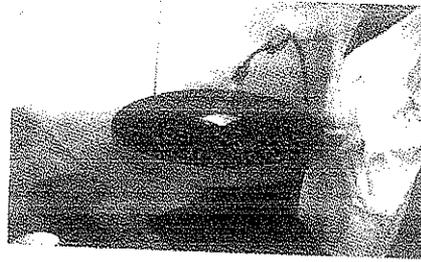
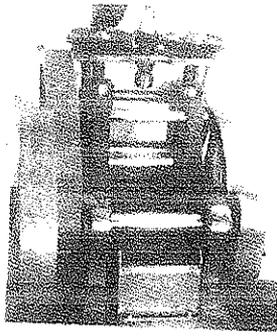
¹⁶ Informação amavelmente cedida pelo Dr. Christof Boehringer, Universidade de Göttingen.

¹⁷ Espécie de broca que permite a elaboração de furos, constituída por um volante associado a um travessão que gira numa haste; o fio preso ao travessão e que passa por um buraco através da haste principal, quando torcido, movimenta o peão, que seguindo o princípio da inércia, fura o metal.

¹⁸ CARDOZO, 1957, p. 28.

¹⁹ WILLIAMS; OGDEN, 1994, p. 194 n° 127 e p. 150 n° 90.

²⁰ A *bractea* de Siracusa apresenta na sua superfície marcas de uma limpeza mecânica.



Est. IV

1. Laminagem; 2. recozimento; 3. martelagem; 4. recorte; 5. moeda sobre placa de prata, sobre cunho; 6. placa de chumbo sobre o conjunto anterior; 7. martelagem do círculo; 8. perfuração com um peão.

Tendo em vista o aprofundar dos conhecimentos em relação à *bractea* de Siracusa, efectuou-se uma análise de fluorescência de raios X, levada a cabo no Fundo de Fomento Mineiro, Porto, e cuja interpretação dos resultados esteve a cargo do Eng.º José Inácio Martins, FEUP (1994): ouro com uma percentagem igual ou superior a 99%, cobre com um nível inferior a 1% e apenas vestígios de zinco, sendo considerada uma peça de «ouro fino».

A problemática em torno desta jóia reside no facto de poder ter sido feita e trazida por gregos, ou por romanos, tendo neste último caso uma data posterior à da moeda cunhada.

Contudo, tendo em conta o estudo efectuado, que revela uma grande perfeição e mestria por parte do autor da *bractea* e a posse de uma peça de acesso restrito — cunho, poderemos concluir de que a peça em questão será provavelmente grega ²¹, trazida durante o séc. IV por mercenários hispânicos que integraram exércitos púnicos e gregos ²².

A compreensão da tecnologia usada nesta jóia só foi possível através de um estudo etno-arqueológico da ourivesaria tradicional. Para tal, recorremos ao CINDOR, em Gondomar, Porto, que recriando todo o processo utilizado no fabrico da *bractea*, nos permitiu um melhor entendimento das tecnologias empregues (Est. II e IV). Agradecemos portanto, ao Eng.º Lobo, director da Contrastaria do Porto, pelo empenho e disponibilidade prestadas; ao Sr. Fernando Pinto que cedeu o cunho, moeda e matéria-prima; ao Eng.º José Carlos, director do CINDOR, onde se efectuou a experiência e ao Sr. Justino que a executou.

Bibliografia

- ALMAGRO-GORBEA, M., *Mundo Orientalizante*. «Revista de Arqueologia», Tartessos, España, extra nº 1, (1986), p. 58-73.
- AUBET-SEMMLER, M. E., *Horizonte cultural Protohistorico*. «Revista de Arqueologia», Tartessos, España, extra nº 1, (1986), p. 58-73.
- BLANCO FREIJEIRO, A., *Orfebres prerromanos*. «Revista Arqueologia / El oro en la España prerromana», Madrid, 1989, p. 5-15.

²¹ Opinião confirmada pela Dra. Katerini Liampi. Centro de Investigação de Antiguidades Gregas e Romanas. Atenas.

²² MATEU Y LLOPIS, 1990, p. 8; DURAND, 1993, p. 113-161.

- CARDOZO, Mário. *Das origens e técnica do trabalho do ouro e a sua relação com a joalheria arcaica peninsular*. «Revista de Guimarães», Guimarães, v. LXVII, 1957, p. 5-46 e est. X, 18.
- CENTENO, Rui Manuel Sobral. *Circulação monetária no Noroeste de Hispania até 192*, tese de Doutoramento, Porto, 1987.
- DEMORTIER, G., *Le cadmium a-t-il été utilisé dans l'orfèvrerie antique?*. «Archeologia (Préhistoire et Archéologie)», France, n° 176, 1983, p. 41-50.
- DURAND, Matthieu de. *História abreviada da Grécia Antiga*, Lisboa, Editorial Notícias, 1993, p. 113-161.
- ELUÈRE, Christiane. *Les secrets de l'or antique*, Paris, Payot, 1952.
- GALLATIN, A., *Syracusan Dekadrachms of the Euainetos Type*, Cambridge, Mass., 1930.
- Inventário da secção de numismática da Câmara Municipal do Porto*, Porto, v. I, n° 4, série - gregas e derivadas, sub-divisão - Siracusa, Bractea, n° de ordem 415, p. 33.
- MATEU Y LLOPIS, Felipe. *De la Magna Grecia a Iberia: contactos de Occidente con el mundo monetar helenístico*. «Boletín del Museo Arqueológico Nacional», Madrid, tomo VIII, n° 1 e 2, 1990, p. 5-12.
- NICOLINI, Gérard. *Techniques des ors antiques — la bijouterie ibérique du VII^e au IV^e siècle*, France, Picard, 1990, v. I.
- PINGEL, Volker. *Die vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel: eine archäologische untersuchung zur Auswertung der spektralanalysen*. «Madrider Forschungen», Berlin, 17, 1992, p. 288, n° 234, est. 100, 5.
- PINTO, Rui de Serpa. *Achegas para um catálogo, I - Bractea de Siracusa*. «Tripeiro», Porto, IV série, n° 1 (171), 1930, p. 15.
- SILVA, Armando C. F. da. *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.
- SILVA, Armando C. F. da; GOMES, Mário Varela. *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992.
- WILLIAMS, Dyfri; OGDEN, Jack. *Greek gold, jewellery of the classical world*, London, Trustees of the British Museum, 1994.